

## Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia

Resenha por Werley Oliveira<sup>1</sup>

Vilém Flusser (1920-1991) foi um filósofo tcheco. Mudou-se para o Brasil em 1940, fugindo do nazismo da Segunda Guerra Mundial, naturalizou-se brasileiro e atuou como professor de filosofia, jornalista e escritor. Seus trabalhos se concentraram na área de Teoria da Comunicação e são marcados pelo existencialismo e pela fenomenologia.

O livro *A Filosofia da Caixa Preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia* (São Paulo, 1985) o autor busca formular uma teoria filosófica que explique a fotografia, contudo não se limita apenas a esse conceito, mas recorre à fotografia para explicar relações fundamentais entre humanos e aparelhos na pós-história, partindo da hipótese de que a invenção das imagens técnicas inaugurou um novo modo de ser, assim como a invenção da escrita inaugura a História.

Para entender o conceito de aparelho, para denominar a câmera fotográfica, é importante saber que a fotografia, no pensamento desse autor, é uma imagem técnica, sendo o resultado da codificação de aparelhos provenientes de textos científicos. O agente humano não tem necessariamente o conhecimento desses textos (a caixa preta), ele apenas manipula de forma automatizada o *output* e *input* do “aparelho”.

Desse modo, o sujeito que opera uma máquina fotográfica – a quem Flusser sugere o nome de funcionário – desconhece “o processo codificador que se passa no interior da caixa preta” (p. 12). Segundo Flusser, “o fotógrafo domina o aparelho, mas pela ignorância dos processos no interior da caixa, é por ele dominado” (p. 44), em outras palavras podemos dizer que a partir dessa relação é instaurada uma dinâmica ao ter um domínio da entrada (*input*) e da saída (*output*), o homem domina o aparelho, mas ao desconhecer sua caixa preta, ele também é dominado. Com isso, o homem não comanda o aparelho e nem é completamente subordinado a câmera fotográfica: “Trata-se de função nova, na qual o homem não é constante nem variável, mas está indelevelmente amalgamado ao aparelho” (p. 15).

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) da PUC-SP. Trabalha e pesquisa educação corporativa com uso de ambiente virtual de aprendizagem. E-mail: [werleyoliveira@gmail.com](mailto:werleyoliveira@gmail.com).

A leitura do terceiro capítulo, “O Aparelho”, traz incontáveis possibilidades de reflexão ao ilustrar a etimologia da palavra “aparato”, que vem do latim *apparatus*, com o significado de “preparativo”, correlacionando esse significado como um estar à espreita de um animal, “esse caráter de animal feroz prestes a lançar-se, implícito na raiz do termo, deve ser mantido ao tratar-se de aparelhos” (p. 38).

Fundamentado na percepção de um aparelho que permite ao homem capturar uma imagem, o autor faz um resgate histórico de análise do homem com a câmera fotográfica e o ato de fotografar no mundo ao qual estamos inseridos. Esse conceito fica claro quando o autor diz:

o fotógrafo manipula o aparelho, o apalpa, olha para dentro e através dele, afim de descobrir sempre novas potencialidades. Seu interesse está concentrado no aparelho e o mundo lá fora só interessa em função do programa. Não está empenhado em modificar o mundo, mas em obrigar o aparelho a revelar suas potencialidades. O fotógrafo não trabalha com o aparelho, mas brinca com ele (p. 42).

Flusser introduz a ideia de que os instrumentos são prolongações de órgãos do corpo: “os instrumentos simulam o órgão que prolongam” (p. 39). Contudo, ultrapassa essa ideia ao demonstrar a estrutura do mundo abrindo o olho artificial que o produz - não apenas tratando de sua representação, mas de como é representado pelo aparelho fotográfico.

É um texto instigante, pioneiro e ousado, uma vez que expõe na fotografia a grande ruptura de um paradigma perceptivo ocidental e vê na câmera fotográfica um aparato que contém um programa que sabe muito mais que seu usuário ou, na definição do autor, faz do usuário seu funcionário, ou seja, “antes os instrumentos funcionavam em função do homem; depois grande parte da humanidade passou a funcionar em função das máquinas” (p. 40).

Assim, o “aparelho”, para Flusser, é algo bem diferente da máquina caracterizada por ser uma exploração do instrumento, sua continuação no mundo do trabalho. O aparelho, como o autor exemplifica, informa e age, mas não trabalha e, à revelia disso, modifica o mundo.

O termo aparelho também é utilizado pelo autor para explicar uma série de mudanças que a revolução industrial produziu em nossas vidas, uma vez, que deixa

implícito como um conjunto de máquinas que funcionam como acoplamento sincronizado em que o funcionário, aquele que deveria ser sujeito, é reduzido ao que é manipulado por este sistema.

Na obra de Flusser podemos encontrar conceitos que nos induz a pensarmos que a tecnologia tem minado a capacidade de pensar do ser humano e que, quanto mais facilidades são disponibilizadas para a realização de tarefas, mais nos acomodamos e nos alienamos, na expectativa de que as inovações tecnológicas solucionem os problemas que atingem o ser humano. Nesse contexto, o autor salienta a contribuição dos processos de obtenção e divulgação de fotografias, em substituição a textos, para manter as massas acomodadas.

O complexo tema acerca do “aparelho”, já seria por si suficiente para demolir muitas crenças na autonomia de decisão do homem no mundo moderno, em sua crença na autodeterminação.

Diante do exposto e para uma observação mais profunda é preciso levar em consideração o momento histórico em que o texto foi concebido pelo autor, assim é de se lembrar que na década de 1980 a indústria fotográfica estava introduzindo inovações tecnológicas, nas quais microprocessadores passaram a permitir a automatização do funcionamento das câmeras fotográficas, os primeiros microcomputadores com interfaces gráficas já estavam sendo lançados e em um espaço muito curto de tempo já tomariam o seu lugar em grande maioria das residências.

É interessante destacar que o aparelho chamado por Flusser de “*apparatus*” associa-se, na atualidade, aos computadores, que, por sua vez, aliam-se ao conceito de caixa preta, à produção de pensamento e à memória. Assim, Flusser já afirmava que: “aparelhos são caixas pretas que simulam o pensamento humano, graças a teorias científicas, as quais, como pensamento humano, permutam símbolos contidos em sua memória, em seu programa. Caixas pretas que brincam de pensar” (p. 48).

Trazendo essas ideias para os dias atuais, podemos traçar um paralelo com os recursos de edição de imagens disponíveis e utilizados em larga escala na maioria das fotografias, assim podemos dizer que os fotógrafos se tornam, mais do que nunca,

fotografias, assim podemos dizer que os fotógrafos se tornam, mais do que nunca, reféns da situação, e neste caso, especificamente, reféns da tecnologia propriamente dita que ultrapassou o limite da câmera fotográfica.

**Enviado:** 1 outubro 2017

**Aprovado:** 29 outubro 2017